

# A INVESTIGAÇÃO PSICOLÓGICA NO CONTROLE CIENTÍFICO DAS ATIVIDADES ESPORTIVAS NA DÉCADA DE 1950 E ATUALIDADE: A UTOPIA CONTINUA?

José Tarcísio Grunnenvaldt<sup>1</sup>, Jayne do Nascimento Antunes<sup>2</sup>, Eliete Barbosa da Silva<sup>3</sup>.

## RESUMO

Apresenta-se a partir de um artigo de 1954 da revista Arquivos da Escola Nacional de Educação Física e Desportos, o panorama da psicologia do esporte no Brasil, mas é possível perceber seu desconforto como estado da arte do assunto. O trabalho resulta de uma curiosidade despertada quando no desenvolvimento da pesquisa do Programa de Iniciação Científica (Pibic) - Estudo dos Arquivos da Escola Nacional de Educação Física e Desportos (1945 – 1972) e do levantamento dos artigos classificados como trabalhos originais, chamou-nos a atenção o texto: *Importância da investigação psicológica no controle científico das atividades desportivas* escrito pelo professor da Disciplina Psicologia do Esporte, o médico Carlos Sanchez de Queiróz (1949). O objetivo desse texto é apresentar e analisar um artigo da década de 1950 e verificar se é possível a psicologia estabelecer bases e diretrizes que devem nortear o controle científico das atividades desportivas e, por ora, movido pelas circunstâncias do evento da Copa do Mundo no Brasil, questionar sobre a possibilidade do controle científico sobre o futebol em especial. Como opção metodológica, buscou-se ler o artigo levando em conta os avanços que propunha para a área da psicologia do esporte e, quiçá revelar a contemporaneidade desse conhecimento frente aos dois grandes desafios da área que teve na cena a seleção brasileira de futebol, em suas maiores experiências negativas de todos os tempos: a catástrofe do Maracanã em 1950 e a recente humilhação diante da Alemanha no Mineirão do dia 08 de julho de 2014. Algumas constatações do texto evidenciam que o autor, após realizar uma consulta à bibliografia nacional e estrangeira sobre o assunto, que era confiado aos médicos especializados, destacou que havia poucas, raríssimas e honrosas exceções, que fugissem ao exame das possibilidades e das limitações anátomo-fisiológicas do atleta, quando se tratava de prática dos desportos. Percebe-se um inconformismo com a opção corrente da pesquisa em psicologia do esporte em seu reducionismo anátomo-fisiológico. A ideia aceita à época sobre o processo da aprendizagem do movimento como decorrente da necessidade dos experimentos de treino como condição, “[...] isto é, como fator predisponente da assimilação da técnica desportiva, pois é treinando que o atleta colhe a vivência (*erlebnis*) do movimento que construirá o seu esquema motor” (QUEIROZ, 1954, p. 109). Disso assegura que resulta a afirmação corriqueira de que a ação é a causa da aprendizagem, mas que o autor considera uma proposição ingênua, e conseqüente da ligeireza com que os falsos cientistas estariam a observar os fenômenos, pois não é simplesmente fazendo que se aprende. Com efeito, sugeria que “*‘Learn by doing’* é uma proposição superada, em Pedagogia e em Didática, pelo *‘aprender pensando’*” Ao se buscar estabelecer relações desse artigo de 1954 com textos contemporâneos como *Um jogo que atingiu profundidade trágica* (2014) e *Veneno remédio: o futebol e o Brasil* (2008), ficou evidente que as cenas da dia 08 de julho fazem do futebol um fenômeno ontológico, portanto um esporte que o campo de problematização é mais que um jogo daí não possível ao cientificismo reducionista.

**Palavras-chave:** Psicologia do esporte. Controle científico. Aprender pensando.

## A PSYCHOLOGICAL RESEARCH IN THE SCIENTIFIC CONTROL IN SPORTS ACTIVITIES DECADE OF 1950 AND TODAY: A CONTINUED UTOPIA?

### ABSTRACT

Presents from a 1954 article in the journal Archives of the National School of Physical Education and Sports, the scenery of sport psychology in Brazil, but it is possible to notice the discomfort as state of the art of the subject. The work is a result of a curiosity stimulated when in the research of Scientific Initiation Program (Pibic) - Study of the Archives of the National School of Physical Education and Sports (1945-1972)

and the search of articles classified as original works, our attention was called by the text: *The importance of psychological research in the scientific control of sporting activities* written by the professor of the Sport Psychology Course, Dr. Carlos Sanchez de Queiroz. The purpose of this paper is to present and analyze an article from the 1950s and validate if it is possible to psychology to establish bases and guidelines that should guide the scientific control of sporting activities and, for the moment, motivated by the circumstances of the World Cup event in Brazil, inquire about the possibility of scientific control in particular over soccer. As a methodological option, the article was read taking in consideration the progress that suggested for the area of sport psychology and perhaps reveal the contemporary knowledge of this in front of the two major challenges in the area, having as scenario the Brazilian soccer team in its greatest negative experiences of all time: the misfortune of Maracanã in 1950 and the recent humiliation against Germany in the Mineirão on 08 July 2014. Some findings in the text show that the author, after conducting a consultation to the national and foreign literature on the subject, which was entrusted to specialized doctors, said that there were few, rare, and honorable exceptions, that escaped from the examination of the possibilities and limitations of the physiologic- anatomic of the athlete, when it came to the practice of sports. It is possible to see a discontentment with the current option of research in sport psychology into its anatomical and physiological reductionism. That time the accepted idea about the process of the learning movement as a result of the necessity of experimental training as a condition, “[...] as a predisposing factor of assimilation of sports technique, because is with training that the athlete gains the experience (erlebnis) of the movement that will build your motor schema” (QUEIROZ, 1954, p. 109). It ensures that the results commonplace assertion that the action is the cause of learning, but that the author considers a naive proposition, and resultant of the lightness with which fake scientists would be to observe the phenomena, because it is not simply doing that learns. Indeed, he suggested that “‘Learn by doing’ is a overcome proposition in Pedagogy and Teaching, by ‘learning thinking’”. Seeking to establish relations of this 1954 article with contemporary texts such as *A game that reached tragic depth* (2014) *Poison and medicine: soccer and Brazil* (2008), it became evident that the scenes of July 8 make football an ontological phenomenon, therefore a sport that the field of questioning is more than a game then not possible to reductionist scientism.

**Keywords:** Sport psychology. Scientific control. Learn thinking.

## APRESENTAÇÃO

(...) as imagens dos brasileiros reagindo a derrota vão além do esporte e ingressam em um estranho reino psicológico de sofrimento e luto. As fotografias destroem qualquer ideia de que o futebol seja “apenas um jogo”. Na tortura da derrota prolongada, os brasileiros – jogadores e torcida em igual medida – parecem contemplar um abismo sem fundo que dilacera tudo aquilo em que acreditam. Os golpes repetidos dos gols alemães parecem demolir não só o orgulho esportivo dos brasileiros, mas seu senso de quem são e do que suas vidas significam. (JONES, 2014, p. 5)

A vontade de escrever algo sobre Carlos Sanchez de Queiróz, surgiu desde quando o mesmo foi entrevistado na condição de sujeito da pesquisa de mestrado de Grunennvaldt (1997), *Escola Nacional de Educação Física e Desportos: o projeto de uma época*, pesquisa levado a cabo em 1997. Na ocasião se percebia que esse professor já aposentado, parece ter tido muitas boas intenções para com a Educação Física, mas dadas às circunstâncias nas quais se fundamentava a Educação Física brasileira só era possível acontecer o que era corrente da *Zeitgeist* da época. Grosso modo, para essa distância entre sua intenção e a realidade concretizada pela ENEFD da Universidade do Brasil da qual fazia parte, vale destacar que:

Cada estado é ético quando uma das suas funções mais importantes é o de elevar a grande massa da população a um determinado nível cultural e moral, nível ou estágio que corresponde às necessidades de desenvolvimento das forças produtivas e, portanto aos interesses das classes dominantes. (GRAMSCI, 1980, p. 145)

Em outro momento em estudo desenvolvido por Grunennvaldt (2005) procurou-se entender determinadas passagens ou mudanças, que por vezes mais se parecem com as continuidades, e quiçá a voz de Queiróz tenha ficado na intenção manifesta. Com efeito, no Brasil essa ocorrência parece ser uma peculiaridade, no entanto faz sentido mover-se sob a orientação dos ensinamentos professados por

Marx, que enfatiza que a formação social não desaparece, se ainda não se desenvolveram todas as forças produtivas que ela contém e, que também não aparecem novas e mais altas relações de produção, antes de amadurecerem no seio da sociedade antiga as condições materiais de sua existência (MARX, 1997, p. 52).

Quando Queiróz produziu seu artigo, quatro anos apenas haviam se passado da grande catástrofe futebolística a que a seleção brasileira havia protagonizado, com a derrota no Maracanã em 1950 diante do Uruguai, quando na ocasião, um empate consolidava ao Brasil o título maior do futebol mundial. Em seu texto a *Importância da investigação psicológica no controle científico das atividades desportivas*, Carlos Sanchez de Queiroz sequer teceu algum comentário, desdenhando talvez ao fatídico episódio do Brasil na final de 1950 diante do Uruguai.

Em seu texto o autor parece acreditar que no esporte e, no contexto em que se escreve este texto, considera que o futebol possibilita as sobrevivências de estruturas primitivas, que se fazem presentes em atletas de baixo nível intelectual e que agravaria neles, a diminuição do poder discriminativo, e que contribuiria na predominância do raciocínio afetivo sobre “o raciocínio lógico formal” o que favoreceria as rupturas emotivas e o surgimento de tantos outros fatores de natureza psicológica que poderiam ser evitados.

Mas a pergunta que não quer calar após a decepção da seleção brasileira em sua própria casa: teria a ciência, a fé ou, ainda, a investigação psicológica no controle científico do futebol dado conta de não passarmos por esse vexame público ao qual ficamos todos os brasileiros estarecidos e sem explicação realista ou, até racional?

Parece que mais do nunca estamos diante de uma evidência factual de que o jogo pode atingir a profundidade trágica e, portanto fugir ao controle da lógica racional e científica, pois segundo Jones:

O futebol é um fenômeno mais absurdamente super promovido da cultura moderna, e a Copa do Mundo já foi acusada de tudo – de irrelevância a corrupção maciça - mas, em momento como esse, fica claro por que, para tantas pessoas, o esporte é mais que um jogo. (JONES, 2014, p. 5)

Estabeleceu-se como objetivo desse texto, apresentar e analisar dois textos, um de 1949 e outro de 1954 e neles verificar se é possível a psicologia estabelecer bases e diretrizes que devem nortear o controle científico das atividades desportivas e, por ora, movido pelas circunstâncias do evento da Copa do Mundo no Brasil, do controle científico e psicológico sobre o futebol em especial.

## DESENVOLVIMENTO

Agora que se passaram sessenta e quatro anos e mais uma vez um abalo psicológico de incomensuráveis dimensões abateu o futebol brasileiro deixando os mais de 200 milhões de torcedores estupefatos diante do fatídico episódio do Mineirão, a epígrafe assevera que de fato o futebol não é apenas um jogo.

Desta feita em 2014, diante da Alemanha e o placar espantoso, inexplicável e irreparável de 7 a 1. Mas sobre tal episódio talvez fosse necessário de fato perguntar ao articulista dos *Arquivos* para ver se um episódio dessa natureza e tamanha dimensão, a psicologia pode explicar ou se ela pode buscar compreender as determinações do mau êxito coletivo?

Como professor da Disciplina Psicologia do Esporte da Escola Nacional de Educação Física e Desportos (ENEFD) da Universidade do Brasil (1939-1968), Carlos Sanches de Queiróz, apresentou em 1954 um trabalho junto ao Congresso de Medicina Desportiva, realizado em São Paulo por ocorrência do Campeonato Sul-Americano de Atletismo, ocasião na qual enfatiza sobre a importância da investigação psicológica no controle científico das atividades desportivas.

Destacamos a relevância do texto, pela localização temporal de sua escrita junto ao rol de produções dos *Arquivos* (dispositivo produzido pela ENEFD que circula de 1945 -1972 para veicular sua produção científico-acadêmico), tendo em vista seu caráter crítico e ousado por apresentar à área de estudo e suas mazelas. O autor, após realizar uma consulta à bibliografia nacional e estrangeira sobre o assunto, que era confiado aos médicos especializados, destacou que havia poucas, raríssimas e honrosas exceções, que fugissem ao exame das possibilidades e das limitações anátomo-fisiológicas do atleta, quando se tratava de prática dos desportos.

Em sua explanação apresenta a ideia correntemente aceita à época sobre o processo da aprendizagem do movimento como decorrente da necessidade dos experimentos de treino como condição, “[...] isto é, como fator predisponente da assimilação da técnica desportiva, pois é treinando que o atleta colhe a vivência (*erlebnis*) do movimento que construirá o seu esquema motor” (QUEIROZ, 1954, p. 109). Disso assegura que resulta a afirmação corriqueira de que a ação é a causa da aprendizagem, mas que o autor considera uma proposição ingênua, e consequente da ligeireza com que os falsos cientistas estariam a observar os fenômenos, pois não é simplesmente fazendo que se aprende. Com efeito, sugeria que “‘Learn by doing’ é uma proposição superada, em Pedagogia e em Didática, pelo ‘aprender pensando’” (QUEIROZ, 1954, p. 109).

Possivelmente o avanço que Queiroz se propunha disponibilizar para a plateia dos congressistas era que *o treinamento desportivo é um meio de se exercitar o pensamento pela ação*, tendo em vista que para aprender um desporto é preciso pensar no que se está fazendo. Vejamos sua fundamentação para tal proposição:

É por isso que somente o *homo sapiens* é capaz de aprender e de praticar desportos, porque somente ele é capaz de promover, pela sua racionalidade, a análise diferencial integrativa das estruturas perceptíveis que a prática da técnica oferece à sua discriminação e, através deste processo analítico, descobrir nelas a ordem existente cujo conhecimento constitui a condição “sine qua non” para a sua assimilação. (QUEIROZ, 1954, p. 109-110).

A ênfase no conhecimento decorre por conta de que por meio deste é possível descobrir as relações estruturais da situação-problema do movimento. Pelo contrário, em não se conhecendo a situação-problema o treino se apresenta ao atleta com os caracteres especiosos de uma repetição enfadonha e desanimadora.

Mas em que consistia então a posição de Carlos Sanches de Queiroz diante da teoria existente e corrente no treino desportivo? Ao alegar que quando se pensar no que está fazendo o atleta não repetirá a situação-problema, porque esta será sempre compreendida diferentemente cada vez que é por ele experienciada, vivida. Esse conhecimento, a partir do vivido é o que acarreta uma evolução psicossomática por diferenciação de estruturas capaz de dar conta da reorganização progressista das ações motoras no decorrer da prática que se sucede da técnica desportiva. Portanto, necessário se faz a citação para tentar compreender em qual referência teórica e filosófica, Queiroz se sustentava para tal propositura. “Temos, assim, que nos experimentos de treino de movimentos desportivos jamais haverá repetições mecânicas de movimentos passados – o que invalida (sic) [invalida] qualquer possibilidade de reações estereotipadas” (QUEIROZ, 1954, p.110).

Assevera que o êxito do atleta em competições esportivas não se pauta na possibilidade de uma reprodução mecânica de atos retrospectivos, mas decisivamente na evocação mneumônica (sic) do conhecimento e das relações de dependência e de reciprocidade que existem entre as partes das estruturas aprendidas – quer dizer de um sistema relacional (*strukturfunktion*) pois as “qualidades de forma” (*Gestaltqualität*) podem ser bem transpostas assim como já demonstrara von Eherenfels.

Atentou para que o estudo das possibilidades e das limitações da transponibilidade das “qualidades de forma” mostrou que a importância do princípio aristotélico que considera o homem como “matéria” e a sociedade como “forma”. Com efeito, comenta:

De fato, todas as “formas de vida” que o homem apresenta em sua evolução natural estão intimamente relacionadas com a estrutura sócio-cultural a que ele pertence; a unidade do espírito humano encontra na diversidade das culturas um fator poderoso de renovação capaz de fazer do “Homo histrius” personagens diferentes. (QUEIROZ, 1954, p.111).

Seguramente Queiroz demarcou posição no terreno das ciências sociais, ainda que alegava que o ser natural e o ser cultural eram constituidores do Homem e que esse ser entendido como a síntese resultante da animalidade e da humanidade que nele coexiste, e asseverava que de todo o modo, o homem isolado é sempre uma tentativa vã. E, destaca que por conta disso as ciências do Homem, mais se preocupam com o “socius” que com o indivíduo.

Quando na entrevista em 10 de fevereiro de 1999, Carlos Queiróz destacou a necessidade de no âmbito da Educação Física a da Psicologia do Esporte buscar referenciais em outras áreas e, destacou em sua fala que:

A cultura era uma cultura muito setorizada, sobretudo nessas ciências com a Educação Física são fundamentais, anatomia todo mundo descobre, né anatomia, e fisiologia, cinesilogia, sei lá o que psicologia, todas elas querem ter um campo, um objeto e um cenário muito reduzido, quando na verdade o cenário é o organismo da pessoa. E tem fenômenos que são materiais, somáticos, e tem fenômenos que não são materiais, que a gente chama de espirituais ou psicológicos, ou como você quiser, pois é a mesma coisa e tem fenômenos que não nascem e nem prosperam da matéria. Eu por exemplo, eu acho que eles nascem e prosperam da matéria, é uma qualidade (QUEIROZ, 1996. Depoimento pessoal).

Posto o esforço de sua apresentação de um quadro teórico da época com visitação aos mais “badalados” teóricos da psicologia, sugeriu algumas conclusões:

1. Movimentos atléticos são decorrentes de uma estrutura dinâmica baseada em uma tríade: as percepções sensoriais; vivências emocionais; e as vivências intelectivas do movimento.
2. Aprendizagem desportiva como resultado de processos psíquicos que promovem modificações como uma totalidade difusa, mas cognoscível, em uma totalidade diferenciada por conta de uma análise diferencial integrativa que a inteligência - como capacidade de promover adaptações às circunstâncias - realiza por meio da percepção das relações motóricas da estrutura a ser aprendida.
3. A aprendizagem desportiva se baseia em princípios finalistas (*Omne agens agit propter finem*); isto é, não é o resultado de causalidade mecânica ou determinista (também chamado pela lógica reducionista de determinismo causal) tendo em vista todo o ato desportivo ser marcado por grande margem de indeterminação, pois nela há uma intenção, uma direção que só a consciência deste fim a atingir pode regular os movimentos ao propósito em vista (directive formaliter). É com alusão a Leibniz que se confirma que o presente está prenhe de futuro, pois as ações realizadas em determinado momento resultem da seleção intelectual inspirada projetivamente, e nunca como retrospecto mecânico de movimentos antes aprendidos.
4. A aprendizagem desportiva - efeitos de fenômenos psíquicos - não pode ter só causas exclusivas de nível anátomo-fisiológico; suas explicações causais dessa ordem (coordenação neuromusculares, reflexos, automatismos...) são especiosos, porque a aprendizagem desportiva não é um epifenômeno anátomo-fisiológico. O equipamento somático do atleta é condição, mas não causa do comportamento desportivo. Quem pensa diverso comete reducionismo e incidem em sofisma de causalidade.
5. No treino e na competição a experiência passada não aparece como a mesma “forma” que vivida antes, porque uma evolução criadora é de sua própria essência em equilíbrio dinâmico, as novas “formas” que orientam o corpo do atleta emergem das antes vividas em um processo semelhante às mutações genéticas, pois surgem por diferenciação e não por transformação. Essa conservação não se explica pela conservação mecânica de alterações do sistema nervoso- (“conduction units”) - traços mecânicos de Thorndike; mas a utilização de experiência passada está baseada no preceito de Bergson - “Durée” e no conceito de “Specius present” de William James e Samuel Alexander - e na teoria dos traços dinâmicos de Gestalt.
6. Na memória do desportista treinado fica o conhecimento das relações de dependência recíproca das partes da estrutura aprendida, um sistema relacional - “Strukturfunktion”.
7. As reações de escolha se processam na base do princípio de transponibilidade de “Gestaltqualitat” - von Erhenfels, na base de uma relação percebida - e que poderá acontecer que no percepto integral do desportista, por mais treinado que seja, podem surgir “erros” parecido com que Köhler e Herz verificaram em animais. Isso demonstra a fragilidade da hipótese da constância e a ingenuidade dos que acreditam no determinismo causal em psicologia.
8. “O homem é um animal que mesmo em condições normais está inevitavelmente sujeito a conflitos psicológicos” (Julian Huxley in “Man stards alone”) e em atletas se acentua em competição.
9. Em atividade desportiva a capacitação do sistema reacional a ser aprendido está relacionada com às regulações afetivas da ação e a estabilização das reações emocionais. Atletas adolescentes são mais propensos às rupturas emotivas.

10. O abaixamento do índice de discriminação no momento da competição e a substituição do raciocínio lógico formal pelo raciocínio afetivo ou da justificação pré-lógica está na dependência direta do nível intelectual e do tipo de cultura (cultura folk ou cultura de civilização) a qual o atleta pertence.

Para ilustrar estas conclusões, cabe destacar que em outro momento já havíamos sido tomados pela impressão de que Carlos Sanches de Queiroz (1949) deveria estar propondo algo distinto dos que continuavam “atados a um fenomenismo inspirado num positivismo ingênuo”. (QUEIROZ, 1954-1955, p. 109) Foi a partir da leitura do prefácio da tese: *A noção de tempo psicológico na atividade desportiva*, produzida para o Concurso à Cátedra de Psicologia Aplicada na Escola Nacional de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil que a inicial impressão se confirmaria.

Naquela ocasião o autor alegava que o assunto escolhido era, com certeza um caminho, dos mais perigosos, tendo em vista que autores consagrados como Pierre Janet, Emmanuel Kant, Félix Ravaisson, Gabriel Madinier, Maine de Biran e Henri Wallon, já terem dado evidências das dificuldades que o tema suscitava, tendo em vista sua complexidade.

Segundo Queiroz, a tese sobre a qual se debruçou – o tempo psicológico na atividade desportiva – não apresenta, pois uma descoberta, “ela é apenas uma aplicação de ideias e concepções que, sobre o tempo psicológico formularam, desde há muitas gerações, homens de grande valor cultural e científico”. (QUEIROZ, 1949, p. 12)

O autor destacou que retomar o assunto, - o da preocupação com o tempo -, envolvia-o em coragem um pouco temerária, porém nessa tensão conflituosa se percebe que saltou à dianteira a esperança de precisar-se a sua importância no treinamento e na competição, o que implicaria, no campo específico do esporte ampliar as aplicações dos estudos realizados pelos grandes mestres.

Com efeito, os avanços de Queiroz no tocante a sua análise sobre “a noção do tempo psicológico na atividade desportiva” pode ser:

O seu valor – se é que o tem – estará na demonstração da importância de se considerar a chamada Educação Física não somente com o adestramento de movimentos corporais, mas também e quiçá principalmente – como elemento de expressão psíquica relativo a um sujeito e a sua vida interior. (QUEIROZ, 1949, p. 12)

Entende assim, os movimentos corporais como elementos da experiência psíquica, portanto sendo essa sua tese fundamental. Assim, esses movimentos só poderão ser apreciados em um contexto temporal que é condizente à “noção de tempo psicológico ou tempo-de-ação próprio”, que permite avaliar a sincronização, a simultaneidade, a ordem, a duração, a medida, ou seja a sua coordenação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura do artigo de Queiroz nos permitiu encontrar indícios em favor da consolidação da psicologia dos desportos, pois no texto temos evidências da superação do entendimento do movimento esportivo como “fazer para aprender”. Em contraposição a essa corrente, temos que:

Uma tal atitude explicativa é peculiar àqueles que, não estando acostumados a assumir, em ciência, uma atitude ontológico-realista, ficam atados a um fenomenismo inspirado num positivismo ingênuo, e afirmam que somente os fatos materialmente observáveis podem constituir objeto das ciências exatas. Aos que assim pensam, eu peço licença para lembrar a frase de Max Plank – o genial criador da teoria do “quanta” em que se baseia a física moderna: “a ciência não é fenomenista, é ontológica”. (QUEIROZ, 1954-55, p. 109).

Assim, nos parece que da citação decorre sua postura em favor da assertiva de que o “Treinamento desportivo é um meio de se exercitar o pensamento pela ação”. No entanto, sobre o episódio do Mineirão do dia 8 de julho de 2014, parece que nem exercitando o pensamento pela ação seria possível de se encontrar respostas que pudessem fazer esquecer o sofrimento, a dor e a humilhação coletiva.

Destacamos ainda, que no percurso da psicologia dos esportes, nem os mais habilitados profissionais como médicos e educadores físicos e psicologistas (CARVALHO, 2014), são capazes com seu conhecimento que possuem da natureza humana explicações, que inspirados nas ciências físicas e biológicas, respostas

para tragédia dos sete a um diante da seleção alemã em nossa casa. Pois esses fenômenos humanos diante da prática da atividade desportiva não se leem apenas pela visão fenomênica.

Nesses termos, nos parece possível corroborar com Jones (2014, p. 5) que: “Por uma noite apenas, o futebol deixou de ser esporte, entretenimento ou mesmo expressão de nacionalismo. Tornou-se arte. Tornou-se profundo”. Provavelmente estaria aí a sugestão de Queiróz que no tocante a arte e a profundidade do humano a explicação não seja possível pela lógica fenomênica, mas quiçá a compreensão pela lógica ontológica.

A complexidade com que se apresenta o esporte e o futebol no contexto da contemporaneidade, decorridos 64 anos da escrita do texto de Queiróz, deixa-nos de certo modo a instigante questão de que ele talvez seja de fato um fenômeno que não se explica pela lógica da causa e efeito. Portanto, é com Wisnik (2008) que podemos compreender o futebol desnudados de nossas certezas *a priori* almejadas/dadas. O futebol levanta questões que para além da psicologia do esporte e do controle científico é um fenômeno que submetido às razões causais simples não dão conta de explicar, tendo em vista sua complexidade.

Sobre o futebol aceitamos a assertiva de Éric Hobsbawm (1995) que brilhantemente reconhecia que em 1930 com a Copa do Mundo no Uruguai, este esporte já era globalizado, portanto reconhecemos que ele “carrega o conflito essencial da globalização” que envolve de maneira paradoxal a dialética entre as entidades transnacionais, seus empreendimentos globais e a fidelidade local dos torcedores em suas equipes. Para concluir e mesmo não se tendo ainda respostas para inúmeras questões que o esporte e o futebol de modo especial suscitam, queremos deixar algumas questões com base em Wisnik e, certamente, deixar nos envolver, ainda que mesmo sem respostas certas começar a pensar sobre o quanto é instigante o campo do assunto do futebol. Algumas questões nos fazem gostar insistentemente do futebol. Como podemos hoje desconhecer que o futebol se tornou uma língua geral que possibilita o contato de todos os continentes? Como não encarar o fato de que essas populações não só consomem, mas diverso da relação passiva igualmente implicada nas relações consumistas, que substituíram as culturas locais, também o praticam? Como avaliar o imbróglgio de sua mercantilização massiva e os lampejos de sua profunda inserção nas experiências coletivas? Como não ver que nele está cifrado o embate da economia com a cultura, e alguns de nós cruciais do nosso tempo? Como desvelar, as suas enigmáticas e ambivalentes relações com a violência, que o jogo ao mesmo tempo aplaca e provoca?

Diante das questões sugeridas acima, para o esporte e o futebol ascender à credibilidade dos grandes temas relevantes da sociologia parece razoável que devemos pensá-lo no contexto e como expressão da sociedade global que o configura.

Em entrevista cedida por Carlos Sanches Queiroz em 1996, ele destacou no âmbito da “cultura era muito setorizada e nas ciências como a Educação Física” em que são fundamentais a anatomia, a fisiologia, cinesiologia e talvez a psicologia, todas elas queriam ter um campo ou um objeto muito reduzido. Contudo, seu texto sob análise nesse documento evidencia que sua abordagem já havia superado o fenomenismo estreito corrente à época na psicologia do desporto.

## REFERÊNCIAS

CARVALHO, C.A. **Aproximações entre psicologia e educação física:** a história bate em nossa porta. Disponível em: <[www.sbhc.org.br/resources/anais/10/1344989267\\_ARQUIVO\\_artigo\\_completocorrigidoSBHC,SaoPaulo\\_Normalizado.pdf](http://www.sbhc.org.br/resources/anais/10/1344989267_ARQUIVO_artigo_completocorrigidoSBHC,SaoPaulo_Normalizado.pdf)> Acesso em: 04 set. 2014.

GRAMSCI, A. **Maquiavel a Política e o Estado Moderno.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

GRUNENVALDT, J.T. **Escola Nacional de Educação Física e Desportos: o projeto de uma época.** Dissertação (Mestrado). Núcleo de Pós-Graduação em Educação. UFS, São Cristóvão/SE, 1997.

\_\_\_\_\_. **A educação militar nos marcos da Primeira República: estudo dos regulamentos do ensino militar (1890-1930)** Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Estudos Pós-graduados em Educação: História, Política, Sociedade. PUC, São Paulo, 2005.

HOBSBAWM, E. **Era dos Extremos: O Breve século XX: 1914-1991.** São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1995.

JONES, J. Um jogo que atingiu profundidade trágica. Folha de S. Paulo. **Ilustríssima**, p. 5, 13 de junho de 2014.

MARX, K. **Para a crítica da Economia Política**. São Paulo, SP: Nova Cultural, 1997. Coleção Os Pensadores.

QUEIRÓZ, C.S. de. **A noção de tempo psicológico na atividade desportiva**. (Tese) Tese de concurso à Cátedra de Psicologia Aplicada na Escola Nacional de Educação Física de Desportos da Universidade do Brasil. Rio de Janeiro, 1949.

\_\_\_\_\_. A importância da investigação psicológica no controle científico das atividades desportivas. **Arquivos da Escola Nacional de Educação Física e Desportos**. Rio de Janeiro. Ano VIII, n. 8, p. 107- 114, 1954-1955.

\_\_\_\_\_. Professor da cadeira V – Psicologia Aplicada da ENEFD. **Entrevista concedida a José Tarcísio Grunennvaldt**. Data da entrevista 10 de fevereiro de 1996.

WISNIK, J. M. **Veneno remédio: o futebol e o Brasil**. São Paulo, SP: Cia das Letras, 2008.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Mato Grosso - UFMT / PPGEF - Programa de Pós-Graduação em Educação Física,

<sup>2</sup> Universidade Federal do Mato Grosso - UFMT. Bolsista PIBIC e VIV.

<sup>3</sup> Universidade Federal do Mato Grosso - UFMT. Bolsista VIC.

Rua Dois, Quadra 4  
Residencial JKM  
Cuiabá/MT  
78068-340